

CLARICE LISPECTOR

filosofia e literatura

Coordenação de Maria Celeste Natário, Cícero Cunha Bezerra e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-4-4

Depósito Legal:

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-4-4/clar>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES – Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

CLARICE LISPECTOR: *DOM* E VOCAÇÃO PARA O DESTINO

Celeste Natário

A instigante e múltipla obra de Clarice Lispector, decorrente da sua própria complexidade, desperta e convoca um grande número de leitores porque, pensamos, e como já alguém referiu, Clarice Lispector pode dizer-se que entra no espaço da nossa compreensão, do nosso ser, à semelhança de um psicanalista.

Ela permite, em grande medida, que nós possamos aceder a um conhecimento de nós mesmos e da própria condição humana. Por isso, a sua escrita potencia o confronto com a realidade – objecto, “matéria” da sua obra –, graças a uma sensibilidade extrema, da realidade e da vida, não havendo separação entre a “realidade” e a própria “vida”, tal como ela a perspectivou. Afirmar que Clarice Lispector tinha uma qualidade, uma aptidão natural para sentir a existência, constitui de modo imediato referir o “dom” ou o “condão”, e também uma “virtude” de atenção e de grande consciência da existência, em suas múltiplas facetas – sendo fundamental referir que a escrita de Clarice Lispector, caótica, intensa, ousada, é sempre ou quase sempre uma escrita em que as palavras “não fixam a coisa”, ou seja, não “nomeiam a coisa”, porque esta estará numa zona de entrelinhas, isto é, numa zona intervalar, da qual apenas é possível uma aproximação: “Há muita coisa a dizer que não sei dizer. Faltam as palavras. Mas recuso-me a inventar novas: as que existem já devem dizer o que se consegue dizer e o que é proibido. E o que é proibido eu adivinho. Se houver força. Atrás do pensamento não há palavras: é-se. Minha pintura não tem palavras: fica atrás do pensamento. Nesse terreno do é-se sou puro êxtase cristalino. É-se. Sou-me. Tu te és.” (in *Água Viva*). Nessa esteira, Clarice Lispector irá ainda afirmar que “a vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro” (in *A Paixão segundo G.H.*).

Há em Clarice Lispector uma interpelação permanente que pode residir no que uma grande parte dos intérpretes chama de “nudez da escrita”, que decorre de uma espontânea e natural autenticidade.

Percorrendo o que designamos um “caminho de pedras”, na sua obra “escorre sangue” de alguém que diz sim à busca, à investigação do mais fundo e do mais cru que a própria existência possa conter. Ao mesmo tempo, colocando-nos perante o impacto dessa decisão.

A reflexão existencial que a sua obra comporta revela o desconforto, o desconcerto mais fatal (exceptuando a morte), de difícil comparação na história da literatura contemporânea, igualável apenas a Camus, talvez também, segundo alguns analistas, a Nietzsche e a Kafka, acrescentando nós Vergílio Ferreira e, ainda que de modo diferente, Guimarães Rosa.

A ideia de uma literatura portadora de um pensamento em que a vida interpretada “à vista desarmada” é uma irresistível atitude que percorre a surpreendente obra da escritora e pensadora que, mais do que sondar, pisava e penetrava o chão...

Independentemente dos riscos, das surpresas e do desconhecido, “eu sou mais forte do que eu” – afirmação de Clarice Lispector que nos permite aproximar da própria ideia de Destino, perguntando, porém: que destino?, qual Destino?

A tendência ou inclinação natural que direcciona alguém para desempenhar uma determinada função e que poderá ser entendida como vocação, como propensão, é também algo que nos leva para o tema do destino, que em Clarice Lispector quase nos coloca perante a ideia de reconhecimento e aceitação da necessidade de um destino, no sentido nietzscheano de “amor fati”, ou seja, a posição de quem diz sim ao destino humano, na sua totalidade, mesmo perante o mais doloroso e o mais cruel da existência humana.

Decerto, a aproximação de Clarice Lispector a alguns autores e tendências filosóficas contemporâneas, como o existencialismo e o vitalismo, são possíveis – tal como alguns intérpretes assinalam. Porém, relativamente a Nietzsche, a aproximação excessiva pode levar-nos a algumas inconsistências.

A atitude de amor incondicional à existência, com toda a desrazão e sofrimento que ela comporta, não é em Clarice Lispector absolutamente contraditória e insuportável. Precisamente, o seu “amar é destino” é suportar até o insuportável, pressupondo um esforço de total aceitação num exercício constante de busca, de superação e, por isso também, sem espaço para qualquer acomodação.

Na senda que decorre da busca de um conhecimento, melhor, de um saber, em que o amor à vida é a linha de força, a tragicidade e a vertigem presentes sintetizam uma cosmovisão e uma cosmologia de atitude afirmativa de uma totalidade que nada exclui.

A identidade estabelecida entre o eu, a sua situação do mundo e o destino acabam por constituir uma espécie de tríade que decorre da própria natureza humana. Por isso, em Clarice Lispector abraçar o destino significa ser autor

da sua própria história, fazer a sua própria história, mesmo que Clarice Lispector admita o determinismo. Porém, a sua concepção deste é precisamente a de “aceitação”, que a leva à liberdade, afirmando: “É determinismo, sim. Mas seguindo o próprio determinismo é que se é livre. Prisão seria seguir um destino que não fosse o próprio. Há uma grande liberdade em se ter um destino. Este é o nosso livre arbítrio.” (in *A Paixão segundo G.H.*).

Importa sempre ter presente que, quando nos aproximamos da obra de Clarice Lispector, ela não é, de todo, uma obra “intimista”. Importa, igualmente, compreender a pouca importância dada à acção; e a sua atenção máxima dada à palavra, seja no seu poder, seja na sua fraqueza.

Na sua obra, constatamos, desde logo, a entrega ao mistério da compreensão, ou melhor, da não compreensão – alguns autores referem, a este propósito, a aproximação ao judaísmo, pelo “fascínio pelas palavras” do povo hebreu; outros autores remetem para o texto bíblico do “Pentateuco”; outros autores, ainda, remetem para Wittgenstein, pelos seus “jogos de linguagem”. A palavra não diz o destino. A palavra aponta o destino. A palavra ressoa...

A escrita de Clarice Lispector é uma escrita de ressonâncias – da vida, do pensamento, mais do que isso, do que acontece. Daí a importância do “acontecimento” – na vida e na consciência, e que fazem no fundo um caminho paralelo, no exercício da própria linguagem, sendo que há zonas em que a palavra não chega, ou em que ela exprime o inexprimível.

Significa isto, em Clarice Lispector, ao mesmo tempo, uma revelação, a revelação de um outro destino – nas suas palavras: “Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é matéria prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não do achar que nasce o que eu não conhecia e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano.” (in *A Paixão segundo G.H.*).

Digamos que Clarice Lispector, além do que já referimos como uma “inclinação natural para a vida”, beneficia também de uma dádiva, de um talento que decorre de uma adesão que chamaríamos “metafísica” para um “logos divino”, entendendo-se este logos como estruturante da sua própria compreensibilidade da realidade, isto é, da não aceitação de um ofuscamento imposto ou da não aceitação de limites para uma “realidade não dizível”, precisamente porque a autora, além do esforço humano da linguagem, que lhe é permitido pela linguagem, capta, por via do “fracasso da linguagem”, um “nada” que lhe traz a confiança da admissão da irracionalidade.

Seja ou não seja obrigada à abertura ou à admissão da irracionalidade, Clarice Lispector afirmava também que seguia “uma oculta linha fatal”, decorrente de uma verdade que a ultrapassava (o que assume em vários locais da sua obra – veja-se, por exemplo, o percurso de Ana, a personagem de *A Paixão segundo G.H.*, ou o conto *O amor*).

Se é a vida que “dita as regras” no seu acontecer e se é possível falar de uma espécie de “existência em si mesma” como constituindo uma realidade que foge ou que escapa ao domínio de quem vive, e se acreditar ser “dono da história”, da nossa história, não nos poupa aos sentimentos de abandono, de solidão, de confronto com os enigmas, as fatalidades, as surpresas e os mistérios da existência – por maiores tonalidades mística que possam daqui emergir –, há também que ser aberto para a imensa rede de sinais que apontam o vazio do que poderemos saber.

E é aqui, neste vazio, que em Clarice Lispector está a razão do próprio destino. O destino de quem busca e que, ao regressar, mesmo que de mãos vazias, aí, ainda assim, presente, com maior ou menor intensidade, o sinal de um destino maior: “Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.” (in *A Paixão segundo G.H.*). A este respeito, não podemos deixar de evocar, ainda que de forma breve, Vergílio Ferreira: “Ah se eu soubesse a palavra, a última palavra...”.

No poema intitulado “Pertencer”, poema de uma força existencial verdadeiramente extraordinária, Clarice Lispector apresenta o que, a nosso ver, consideramos serem as revelações de uma carga poética em que o sentimento e a compreensão de si traduzem o que ela pode ter descoberto, de uma espécie de “aparição” a si própria e resultante da busca cega e secreta que sempre a acompanhou e onde, desde a ânsia e a curiosidade, o amor e o fracasso, acabam por levar-nos também decerto à descoberta do que ela perseguiu permanentemente, isto é: “Tenho a certeza que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, ou de algum modo devia estar sentindo, que não pertencia a nada e a ninguém, nasci de graça. Se no berço experimentei esta fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino.”

E este destino foi em Clarice Lispector aquele que a levou a descobrir que, afinal, “pertencer é viver”: “E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sófrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho.”